

## **Ativismo e Política no Jornalismo dos Centros de Mídia Independente no Brasil**

PRUDENCIO, Kelly, doutora em Sociologia Política, professora do departamento de Comunicação da Universidade Estadual de Ponta Grossa/PR (kellyprudencio@hotmail.com);

DA SILVA, Christian Miguel, graduando em Comunicação Social – Jornalismo Universidade Estadual de Ponta Grossa/PR (christian\_detoni@hotmail.com);

SARTORI, Larissa, graduanda em Comunicação Social – Jornalismo Universidade Estadual de Ponta Grossa/PR (lari\_sartori@hotmail.com).

**GRUPO DE TRABALHO:** História da Mídia Alternativa

### **RESUMO:**

A pesquisa tem como objeto de estudo a forma pela qual o *website* nacional do Centro de Mídia Independente (CMI) constrói uma linguagem que combina jornalismo com ativismo sem, contudo, tornar-se alternativo. Conceitos como ativismo, independente e alternativo são abordados na política do *website*, mas não são aplicados na prática, o que permite uma análise das contradições existentes na política editorial do coletivo. Apesar do posicionamento das matérias ser contrário ao da grande mídia, o CMI trata dos mesmos assuntos encontrados nos seus “adversários”. Embora se proponha um espaço aberto, o que se verifica é a falta de transparência quanto ao processo de produção da notícia, na medida em que seus produtores se recusam a dar entrevistas. Criado em 1999, em meio às manifestações contra a reunião da Organização Mundial do Comércio, em Seattle, EUA, o CMI proliferou-se rapidamente no mundo inteiro ([www.indymedia.org](http://www.indymedia.org)). No Brasil são doze coletivos que mantêm listas de discussão, as quais alimentam o *website* nacional ([www.midiaindependente.org](http://www.midiaindependente.org)).

**PALAVRAS-CHAVE:** Mídia Alternativa; Ativismo; Jornalismo; CMI.

## TEXTO DO TRABALHO:

O Centro de Mídia Independente ou Indymedia se apresenta como um coletivo formado por centenas de jornalistas que oferecem cobertura “não corporativa e de base”<sup>1</sup>, através de um processo democrático que visa a contar a verdade de forma “radical, precisa e apaixonada”. Há um grupo que coordena a página internacional ([www.indymedia.org](http://www.indymedia.org)) e questões técnicas e de política editorial. As páginas ligadas ao Indymedia são encontradas em diversos países. O CMI Brasil apresenta em seu layout *links* diretos com 163 coletivos espalhados em quatro continentes. Na América do Norte, os Estados Unidos concentram o maior número de portais. Excluindo as listas regionais, são catalogados 58 *websites* oficiais do Mídia Independente.

A principal meta do coletivo é “habilitar as pessoas para que se ‘tornem mídia’”, ou seja, facilitar a proliferação de centros de mídia independente por todo o mundo, de modo que possam oferecer informações honestas e potentes, de modo a fazê-las perceber que podem ter o controle daqueles aspectos da vida que deixaram para “peritos” ou “profissionais”.

A maioria dos ativistas pertence a uma rede de movimentos sociais que, a partir de Seattle, ficou conhecida como “movimentos antiglobalização”. No *webwebsite* internacional, reconhecem essa pertença e recusam o rótulo porque ele não representa a realidade do movimento. O termo foi cunhado pela imprensa em Seattle em razão dos protestos serem contra as organizações que defendem o livre comércio como queda das fronteiras econômicas entre nações.

Contra a hegemonia do sistema político-econômico vigente, de seus programas e agentes, o CMI surge como uma nova proposta de veículo de comunicação que refuta os ideais vigentes no campo do jornalismo (grandes conglomerados de comunicação) ao mesmo tempo em que mantém a forma de circulação em um suporte que, embora seja muito recente, é amplamente utilizado pelos veículos – a internet. O CMI se apresenta como uma

proposta de mídia independente levada a cabo pelos próprios ativistas, e que iria se espalhar em pouco tempo por várias cidades e países do mundo, inclusive no Brasil. O impacto dos centros de Mídia Independente ainda está para ser avaliado

---

<sup>1</sup> Grassroots, no original. <http://docs.indymedia.org/view/Global/FrequentlyAskedQuestionEn>. Neste documento, encontram-se também as informações sobre origem, objetivos, linha editorial, dinâmica de trabalho, etc. Acesso em 14 de agosto de 2005.

e ainda está em progresso, mas de fato os governos já têm se sentido incomodado com eles, seja nos EUA, no Brasil ou na Itália. (LUDD, 2002, p. 58).

O Centro de Mídia Independente surgiu também para amenizar a dificuldade de comunicação com diversos ativistas do mundo inteiro. Além da divulgação de textos e comentários de oposição às instituições capitalistas, os grupos organizam suas ações e protestos através desse canal midiático.

Como já mencionado, o CMI propõe um jornalismo diferenciado da mídia convencional. Entretanto, o que as leituras dos *websites* demonstram são abordagens de oposição aos veículos midiáticos comerciais. O termo alternativo indica a mídia:

Comunitária, oposicionista, contra-hegemônica, de resistência, engajada, independente, livre, radical. Qualquer iniciativa que se valha de meios de comunicação sem objetivos comerciais recebe essa sorte de adjetivos. [...] Ele (J Downing<sup>2</sup>, 2002) prefere o termo ‘radical’ a alternativo, justamente por entender que este termo mais oculta do que revela; é mais firme naquilo que exclui – a mídia comercial – do que naquilo que significa. (PRUDENCIO, 2006, p. 129).

Indubitavelmente, a mídia alternativa possui fundamental importância na medida em que se coloca como uma visão diferente daquilo que hegemonicamente é veiculado nos meios de comunicação tradicionalmente comerciais.

A mídia “alternativa” ou “independente” permite a ruptura, ainda que em pequena escala, do edifício comunicativo hegemônico constituído pelas grandes corporações. Permite que discursos e linguagens ofereçam as mais variadas perspectivas, que pautas sejam produzidas com uma preocupação não orientada pelo lucro. Nesse sentido, o pluralismo oferecido por essas mídias, em seu conjunto, é tão importante quanto o conteúdo ideológico de cada uma delas, propriamente dito (...) O pluralismo, mais do que a “verdade” de uma única ideologia, é a verdadeira resposta ao “pensamento único”. É por essa razão que o estímulo à proliferação de veículos “alternativos” ou “independentes” de comunicação se inscreve total e indissolúvelmente no quadro da luta pelos direitos humanos, e vice-versa. (ARBEX, 2005, p. 63 e 64) .

No CMI, a coordenação do processo de postagem de informações é realizada por um grupo, mas isso ainda está em fase de desenvolvimento. A ideia é formar um “*global spoke council*” para confirmar decisões sobre questões globais que os CMI’s locais tenham anteriormente tomado. Enquanto este conselho não é criado, a maneira que o coletivo encontrou para democratizar as decisões é abrir espaço para discussão através de listas de e-

---

<sup>2</sup> .DOWNING , John. Mídia Radical. Rebelia nas comunicações e movimentos sociais. São Paulo: Senac, 2002.

mail, que cumprem o papel de coordenar os vários setores da organização.

Assim, há listas para organização dos sumários das atividades desenvolvidas nos CMI's locais, para propostas, para discutir a estrutura do *website*, para a política editorial, para melhorar a comunicação entre os CMI's locais e a coordenação internacional, para questões técnicas, para a criação de uma publicação impressa, para a equipe de tradução, para organizar as finanças, para decidir sobre o *web design* e uma para selecionar as notícias que vão para a coluna central da *home page*.

O *webwebsite* trabalha com o princípio da publicação aberta, a pedra de toque do projeto, que permite aos jornalistas independentes publicar notícias instantaneamente num espaço globalmente acessível. O coletivo encoraja a postagem de artigos, análises e informações. “Qualquer pessoa” pode mandar material de qualquer computador conectado à internet, bastando para isso clicar no link “*publish*”.

Esse ponto é bastante problemático. Uma equipe é responsável por receber esse material e se compromete a não editá-lo. Porém há sessões com notícias editadas e os envios do “público” são direcionados para uma sessão especial (*Newswire*). No coletivo brasileiro essa seção se chama “arquivos escondidos”. A equipe se restringe a evitar postagens duplicadas, mensagens comerciais e “outras postagens que não se ajustam à linha editorial”. Não ficam claros quais os critérios para julgar o que entra e o que não entra no *webwebsite* e o que acontece com o material rejeitado.

A postagem pode ser anônima, assinada por pseudônimo ou assumida pelo autor. É preciso se ajustar a um dos tópicos oferecidos (como nas editorias dos jornais): liberdades civis, comércio, eleições, imperialismo e guerra, corporações, migrações, clima, social, trabalho, biotecnologia e indymedia. É possível ainda solicitar inclusão de outras mídias, como vídeo, áudio e imagens fotográficas.

Os jornalistas que trabalham para o CMI se definem também como ativistas. Por isso, a questão da objetividade e imparcialidade é outro ponto problemático no projeto. Embora assumam que todo repórter tem tendências políticas impossíveis de neutralizar (nem assim desejam), afirmam que ter um ponto de vista não os livra da obrigação de oferecer notícias verídicas, precisas e honestas.

Essas características foram encontradas no *webwebsite* internacional. Na análise

do brasileiro, essas contradições ficaram evidentes. Posteriormente, elas foram confirmadas após tentativas frustradas de comunicação com os produtores do CMI.

Os assuntos em voga na mídia convencional são abordados paralelamente nos portais de discussão do CMI, mas sempre prevalecendo uma opinião de oposição ou uma vertente ativista. Contudo, os temas que os próprios “jornativistas”<sup>3</sup> não encontram como pauta nos conglomerados midiáticos tampouco são abordados ou discutidos nos espaços denominados como independentes. Quanto a isso, Prudencio (2006, p. 130) ressalta: “se a mídia ativista procede de forma semelhante à mídia convencional, *alternativa* não parece ser um adjetivo adequado. A oposição pura e simples não a torna diferente, mas apenas se coloca de outro lado”.

De maneira geral, os textos publicados no portal CMI tratam de questões que envolvem minorias (homossexuais, índios, população rural), relacionam-se a conflitos por terras, reivindicações estudantis, protestos antiglobalização e anticapitalistas. Em uma análise preliminar dos textos que compõem sete boletins informativos do Centro de Mídia Independente (CMI), produzidos entre agosto de 2007 e janeiro de 2008, pode-se perceber que se está lendo a uma notícia nos moldes da grande imprensa. Ao deparar-se com estruturas como *lead*, *sublead* e recursos de titulação e construção, o leitor tem uma amostra equivalente às formas que lê em jornais comerciais. É razoável constatar que, mesmo negando veementemente qualquer manifestação da imprensa não-engajada, o CMI reproduz em seus textos o padrão vigente de texto jornalístico. Embora nem todos tenham a percepção de como funcionam os mecanismos do texto jornalístico, é importante que um veículo que se apresenta como alternativa à grande imprensa tenha clareza de que a forma de redigir em jornalismo, tal como a que se conhece, é fruto de uma visão capitalista sobre a notícia.

Genro Filho (1987, p. 165-6) ilustra bem tal discussão ao afirmar que o

---

<sup>3</sup>“Os *ativistas de mídia* utilizam uma linguagem mais combativa e claramente contrária ao jornalismo padrão, enquanto os *jornativistas* apostam na linguagem referencial do jornalismo para obter mais credibilidade e interferir pragmaticamente nos rumos das decisões políticas. Para os *ativistas de mídia*, o conteúdo prevalece sobre a forma e para os *jornativistas*, é a forma que antecede o conteúdo”.(PRUDENCIO, 2006, p. 137).

fortalecimento do capitalismo após a Revolução Industrial do século XIX, juntamente com o conseqüente emprego de novas tecnologias de comunicação, foram fatores determinantes na firmação de um jornalismo condicionado a essa superestrutura econômica. Para ele, a chamada pirâmide invertida (construção textual em que o clímax da notícia é abordado ao princípio e os elementos de menor importância ficam para o final) é uma forma apropriada para relatar os fatos que vendem, em suas palavras, os “acontecimentos banais”.

Não parece apropriado, nesta visão, adequar a pauta do CMI ao modelo vigente de construção textual. O que mais se sobressai, ainda nesse aspecto, é a versão extremamente opinativa dada ao texto jornalístico comum – cuja orientação obedece o maior nível de imparcialidade possível. No CMI, ao contrário, a forma de texto continua sendo empregada, muito embora permeada de opinião e juízo de valor. Tome-se como exemplo o texto sobre uma série de reportagens do jornal O Globo, veiculado em 24 de agosto de 2007, com o título “O Globo volta a criminalizar a pobreza”:

A série de reportagens que "O Globo" vem publicando desde o último domingo, intitulada "Os brasileiros que ainda vivem na ditadura", está sendo duramente criticada por intelectuais e moradores de favelas. Wanderley da Cunha, coordenador de um pré-vestibular comunitário em Acari, disse que se sentiu traído e que não deveria ter confiado nos repórteres do jornalão.

Cecília Coimbra do Grupo Tortura Nunca Mais do Rio de Janeiro e a socióloga Vera Malaguti também questionaram a maneira como as corporações de mídia cobrem os temas relacionados à violência nas favelas. "O tempo todo a gente diz que a violência não está com a pobreza, porque se a pobreza fosse violenta a gente não saía na esquina. A violência está com os agentes do Estado. São os agentes do Estado que promovem a violência nessas comunidades", avalia Cecília.

Num dos editoriais da série (terça-feira, dia 21/8), o "Globo" chega a escrever abertamente que a favela é uma doença: "Embora seja uma doença urbana disseminada pelo país, a favelização virou a cara do Rio". Este trecho remete ao pensamento nazi-fascista, que acreditava numa raça superior e pregava o extermínio dos pobres, doentes e deficientes físicos.<sup>4</sup>

Neste trecho, verifica-se a típica forma da pirâmide invertida, com o fato mais importante logo no início (a crítica às reportagens), e as manifestações de opinião explícitas

---

<sup>4</sup> Notícia “O Globo volta a criminalizar a pobreza”, veiculada em 24/08/2007, disponível em <http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2007/08/391758.shtml>.

ao longo do texto (expressões como “jornalão” e a conclusão de que O Globo remete ao nazi-fascismo). Ainda aqui, encontra-se um aspecto bastante presente nos conteúdos do CMI, que diz respeito à oposição em qualquer circunstância à Rede Globo, tida como adversária direta, mas em relação à qual o modelo de escrita de notícias se iguala, reforçando a contradição existente entre discurso e prática. Textos como o supracitado compõem os boletins do CMI, uma espécie de *newsletter* que chega no endereço eletrônico de pessoas que fazem o cadastro pelo *website*. Ao trazerem o trecho inicial da matéria e disponibilizar o *link* para o texto completo, os boletins remetem diretamente ao *website*.

No cotidiano de qualquer veículo noticioso, principalmente aqueles que possuem vasta abrangência de cobertura, mostra-se importante a manutenção de um espaço para correções a informações desconstruídas. Tais veículos são passíveis de equívoco e seria ingênuo presumir que os erros não existem. Dentro do CMI, no entanto, este espaço fica restrito aos comentários de leitores que, caso deparem-se com algum erro de informação e tenham a boa vontade de acusá-lo, permitirão aos demais leitores a possibilidade de ler a notícia mais verdadeira possível. Um exemplo pode ser observado no seguinte comentário: “Acho que houve um erro ali... troquem a ‘grande maioria dos cursos’ por ‘alguns cursos’. A grande maioria está sim, funcionando, ainda que com alguns desfalques”<sup>5</sup>, publicado junto a uma notícia sobre a ocupação da Reitoria da Universidade Federal de Santa Catarina, em agosto de 2007. Em certa altura, a nota fala que a maioria dos cursos teria aderido à manifestação e a leitora, atenta, percebeu a falha. Trata-se de um simples equívoco de texto que poderia ter passado despercebido, mas que dá um sentido peculiar ao texto.

Outro indício de que o CMI faz as vezes depositor ao que chama de grande mídia é o fato de que, ao tomar partido de uma causa por si e pelos que não são ativistas, se

---

<sup>5</sup> Comentário publicado sobre a notícia “Estudantes ocupam Reitoria da UFSC”, de 23/08/2007, ambos disponíveis em <http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2007/08/391691.shtml>.

coloca como porta-voz dos socialmente marginalizados, tal como sugerem suas diretrizes:

O CMI Brasil quer dar voz à quem não têm voz constituindo uma alternativa consistente à mídia empresarial que frequentemente distorce fatos e apresenta interpretações de acordo com os interesses das elites econômicas, sociais e culturais.<sup>6</sup>

Ludd (2002) retrata de forma detalhada a ação dos ativistas e a utilização dos portais para se localizarem, arquitetarem suas metas e planos de ação dos movimentos. Com isso, pode-se distinguir que os objetivos do Indymedia (organização pioneira), diferem do CMI Brasil. Enquanto o portal surgido em Seattle tem como objetivo colocar em pauta (e em prática) as discussões levantadas pelos ativistas, o CMI Brasil adquire um caráter meramente comentarista, pois os assuntos destacados pela grande imprensa são discutidos, mas o portal não serve de meio de comunicação para ação dos participantes. Ao longo do período de análise (dezembro de 2007 a fevereiro de 2008), que observou os dozes coletivos que integram a rede de coletivos no país<sup>7</sup>, constatou-se que apenas o CMI regional de Fortaleza propôs um encontro dos ativistas para planejamentos de uma passeata contra o capitalismo. As outras listas de discussão não apresentam sequer articulações de ações, apenas debate de assuntos já publicados e, em alguns casos, a produção de periódicos (Goiânia e São Paulo) distribuídos nas universidades em que estudam os ativistas, visto que representativa parte deles é formada por estudantes.

Com a recolha dos boletins, seguiu-se a tentativa de entrar em contato com membros do CMI, partindo da hipótese de que se trata mesmo de maioria estudante universitária, visando à troca de informações com alguns deles. Estabeleceu-se contato com o principal *website* do CMI Brasil e todas as suas 12 listas de discussão regionais através de e-mails pessoais e dos disponibilizados nos portais.

Apenas dois participantes responderam aos pedidos da pesquisa. As duas respostas recebidas (não assinadas), além de não revelarem detalhes sobre o funcionamento do CMI, revelaram certa hostilidade para descaracterizar o objetivo da pesquisa acadêmica:

Eu enquanto voluntário do CMI, não gostaria de ver as ações de tal projeto mapeadas por quem quer que seja (...) Não posso contribuir com a tua pesquisa e

---

<sup>6</sup> Disponível em <http://www.midiaindependente.org/pt/blue/static/about.shtml>

<sup>7</sup> Há listas em Belo Horizonte, Brasília, Campinas, Caxias do Sul, Florianópolis, Fortaleza, Goiânia, Joinville, Porto Alegre, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo. Há mais 14 coletivos em formação.



me intriga a necessidade de saber "quem são elas, qual a formação, se fazem parte de outras iniciativas parecidas, enfim, o porquê de trabalharem em um projeto como o CMI". Pode ser algo realmente curioso, saber porque pessoas se dedicam a isso sem ganhar nada em troca, afinal vivemos a sociedade das barganhas e dos interesses. Enfim, vejo poucos estudos que busquem saber quem são as pessoas que estão por trás das instituições financeiras internacionais, das grandes corporações, dos bancos ditos de desenvolvimento social, o que as fazem prejudicar a natureza para ganhar mais dinheiro, o que as fazem criar tantos sub-empregos, e como elas montam suas campanhas publicitárias para maquiar seus verdadeiros interesses (...) Quando vejo as grandes corporações por meio de suas ditas "fundações" que foram criadas "em busca de um desenvolvimento sustentável" financiando pesquisas e dando bolsas para os "pobres coitadinhos do sul" para "as chamadas minorias" para que eles pesquisem a própria cultura, para que descubram e mapeiem o conhecimento popular em diferentes áreas, enfim, quando vejo isso fico desconfiado (...) Ao invés de pesquisar quem são as pessoas por trás do Indymedia, procure saber quem são as pessoas por trás do Estadão, da Folha de S. Paulo, das mega corporações e busque demonstrar à sociedade como tais corporações apesar de infringirem artigos constitucionais que regulamentam a programação televisiva, pois por mais que ao sabermos e fiquemos perplexos, o canal por onde elas transmitem é nosso, é um serviço público; apesar de muitas vezes até sonegarem impostos, não pagarem direitos a trabalhadores demitidos, ainda conseguem financiamento de BNDES, conseguem renovar suas concessões, enfim conseguem se passar como "verdadeiros compromissados com a verdade dos fatos, com a cidadania, com a família, a moral e os bons costumes"(...) Não há o que dizer pessoalmente, individualmente, que seja relevante para a compreensão do processo no sentido de fazê-lo funcionar" (e-mail recebido em 06/11/2007) <sup>8</sup>.

Diante da recusa das respostas dos integrantes contatados, caiu o pressuposto de que o CMI é integralmente transparente e aberto aos que se interessam por seus assuntos, uma vez que questões como o financiamento dos portais, os métodos de seleção de textos e as pessoas envolvidas na triagem das mensagens não estão explícitos no *website* e tampouco são fornecidas pelos participantes.

Para Ludd (2002), existe uma autocrítica dentro dos movimentos ativistas, pois ao mesmo tempo que declaram pertencer a uma organização horizontal, demonstram claramente que existe uma hierarquia. Ele cita Jacques Camatte<sup>9</sup>, para quem "o ativismo produz a estrutura desta sociedade e como ela opera: 'quando o rebelde começa a acreditar que ele está lutando por um bem maior, o princípio autoritário nasce'".

Em janeiro, aproximadamente três meses depois do último contato feito com dois membros do *website* que responderam aos e-mails, o portal CMI nacional publicou um artigo esclarecendo alguns pontos da linha editorial. Coincidência ou não, o fato é que tal

---

<sup>8</sup> Em anexo o e-mail que pedia informações sobre o CMI Brasil.

<sup>9</sup> CAMATTE, Jacques, **On organization**. (1969). Em *This world we must leave and other essays*. Nova York: Automedia, 1995. Citado por Ludd (2002, p. 42).

artigo nos faz pensar que, de certa maneira, os ativistas se sentiram questionados ou até incomodados com os questionamentos feitos por nós e, possivelmente, por outras pessoas que estudam o *website*.

Em razão de diversos artigos e comentários de nossos/as colaboradores/as, pedindo explicações sobre o funcionamento do CMI-Brasil, viemos esclarecer nossos processos de trabalho. O *website* do Centro de Mídia Independente - Brasil funciona somente com trabalho voluntário feito por pessoas de coletivos do CMI de várias cidades/regiões do país que se organizam de forma autônoma e horizontal. Nosso *website* sempre teve espaço para publicação aberta, ou seja, todo mundo pode publicar sem prévia moderação. Fazemos isso para garantir que todas as pessoas e movimentos tenham a possibilidade de expor sua realidade sem que alguém avalie se este ou aquele assunto tem mais importância, ou que um texto não vá a público simplesmente porque não possui uma gramática correta. Isso garante um espaço para cada pessoa ou movimento se expressar, sendo uma alternativa à grande mídia - que não abre espaços dialógicos e muito menos se deixa pautar pela população, servindo exclusivamente para defender os interesses econômicos e políticos dos grupos que detém o poder<sup>10</sup>.

Dessa forma, o CMI Brasil, embora anuncie como intenção produzir (contra) informação, restringe-se a comentar notícias produzidas pelo seu principal adversário: a mídia comercial. Com isso, ao invés de propor algo novo, alternativo – tanto na forma como no conteúdo – acaba por repetir as mesmas fórmulas que critica. Aliado à falta de transparência sobre os processos de produção, essa prática do CMI Brasil frustra seus objetivos e a concepção de independência que fez surgir o Indymedia em 1999, em Seattle. Mostra, assim, que para construir uma mídia alternativa, independente, livre dos grillhões que atravancam a comunicação democrática, é preciso mais do que oposição.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARBEX Jr, José. “Mídia alternativa versus ‘pensamento único’” *in* **Manual de Mídia e Direitos Humanos**. São Paulo: Consórcio Universitário Pelos Direitos Humanos

---

<sup>10</sup><http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2008/01/409346.shtml>, postado em 17/01/2008.

(Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Universidade de São Paulo, Columbia University) e Fundação Friedrich Ebert Stiftung, 2005.

CAMATTE, Jacques, **On organization**. (1969). Em *This world we must leave and other essays*. Nova York: Automedia, 1995.

DOWNING, J. **Mídia Radical**. Rebeldia nas comunicações e movimentos sociais. São Paulo: Senac, 2002.

GENRO, Adelmo Filho. **O segredo da pirâmide – para uma teoria marxista do jornalismo**. Porto Alegre: Tchê, 1987.

LUDD, Ned. **Urgência das ruas**. Black Block, Reclaim the Streets e os dias de Ação Global. São Paulo: Conrad Editora, 2002.

PRUDENCIO, Kelly C. S. **Mídia ativista: a comunicação dos movimentos por justiça global na internet**. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2006.

## **ANEXO:**

RE: [Cmi-Brasilia] Pesquisa Acadêmica

De: **Sirac@riseup.net**



Você pode não conhecer este remetente. [Marcar como confiável](#) | [Marcar como não confiável](#)

Enviada: Terça-feira, 6 de novembro de 2007 13:57:10

Para: Christian Detoni (christian\_detoni@hotmail.com); cmi-brasilia@lists.indymedia.org

Olá Cristian, como disse anteriormente, não posso contribuir com a tua pesquisa. e me intriga a necessidade de saber "quem são elas, qual a formação, se fazem parte de outras iniciativas parecidas, enfim, o porquê de trabalharem em um projeto como o CMI". Pode ser algo realmente curioso, saber porque pessoas se dedicam a isso sem ganhar nada em troca, afinal vivemos a sociedade das barganhas e dos interesses. Enfim, vejo poucos estudos que busquem saber quem são as pessoas que estão por tras das intuição financeiras internacionais, das grandes cooporações, dos bancos ditos de desenvolvimento social, o que as fazem prejudicar a natureza para ganhar mais dinheiro, o que as fazem criar tantos sub-empregos, e como elas montam suas campanhas publicitárias para maquiari seus verdadeiros interesses.

Em outras situações como essa Christian, por responder assim como te respondo agora, fui tachado de uma pessoa com mania de perseguição, rs bom, por mais incrível que possa parecer, o cmi/indymedia sofre perseguição sim, já tivemos diversos companheir@s pres@s, alguns assassinad@s, já tivemos servidores apreendidos, enfim, você que deve ser uma pessoa esperta atras de algo curioso já deve saber disso.

Bom, me pergunto, quem será quem vai ler o teu trabalho academico e o trabalho da tua professora, por onde ele vai circular, certamente já parou pra pensar nisso né... Na história das ciencias humanas o que vemos é que tal conhecimento e tal entendimento de manifestações populares, politicas, culturais, religiosas, serviram unicamente para facilitar a dominação, por que é mais fácil dominar algo que se conhece do que algo de não se conhece.

E quando vejo as grandes cooporações por meio de suas ditas "fundações" que foram criadas "em busca de um desenvolvimento sutentável" financiando pesquisas, e dando bolsas para os "pobres coitadinhos do sul" para "as chamadas minorias" para que eles pesquisem a própria cultura, para que descubram e mapeiem o conhecimento popular em diferentes áreas, enfim, quando vejo isso fico desconfiado.

Sinto falta de uma ciência menos preocupada com o exótico e mais preocupada com as soluções de nossos problemas da vida cotidiana, e que não sejam a simples criação de novas necessidades, pois quando foi que fomos tão enganados ao ponto de não percebermos mais o que estamos comendo, e confiarmos numa colorida embalagem. E por mais estranho que possa parecer, teu email para mim é o de alguém em busca de algo exótico.

E volto a dizer, sugiro que tua professora ao invés de pesquisar quem são as pessoas por tras do indymédia, procure saber quem são as pessoas por tras do Estadão, da F. de São Paulo, das mega cooporações, e busque demonstrar a sociedade como tais cooporações apesar de infringirem artigos constitucionais que regulamentam a programação televisiva, pois por mais que ao sabermos fiquemos perplexos, o canal por onde elas transmitem é nosso, é um serviço público; apesar de muitas vezes até sonegar impostos, não pagar direitos a trabalhadores demitidos, ainda conseguem financiamento de BNDES, conseguem renovar suas concessões, enfim conseguem se passar como "verdadeiros compromissados com a verdade dos fatos, com a cidadania, com a família, a moral e os bons costumes"...

É mais importante mostrar cientificamente, averiguar, como são as relações de poder nesse meio, é mais importante saber como se dá a escolha das notícias que serão veiculadas no JN, pois tantas coisas acontecerão hj ao redor do mundo, e de todas essas coisas eu sei que as que estarão no JN serão, um acidente qualquer, o trafico, alguma coisinha referente ao conusmidor, e por fim os gols do campeonato brasileiro e a preparação para a copa do mundo. Já parou para pensar porque o JN nos assusta primeiro e nos deixa sorrindo ao final?

Bom, devemos voltar nossa curiosidade ao que achamos errado e feio, para podermos entender, desmarcarar, e não permitir que volte a conter, enquanto a curiosidade acadêmica estiver voltada ao que é "novo", exótico, incomum, fora dos padrões hegemônicos, estaremos atirando no nosso próprio pé. Não pense que não acho que isso é importante, não pense que não acho importante saber que na conchichina as sociedade dos iup iup são ultra poligâmicos, ou tem sua cosmogonia fundada no canibalismo, ou sei lá o que... todo esse conhecimento trouxe um novo pensamento de conceber a cinência, mas é sempre o outro falando, é sempre que tem o olhar moldado pela cultura hegemônica que fala é sempre que passou no vestibular, conquistou um professor durante a graduação, passou no mestrado, enfim, existe uma seleção para as pessoas que podem falar com autoridade de determinada coisa.

No indymedia/cmi nós mesmos falamos de nós, por diferentes meios, áudios, radio, vídeos, impressos, wikis, páginas, esse é o registro de nossa história feito por que a faz mesmo, para que quem tiver curiosidade acompanhar, ou quem tiver vontade ajudar a escrever na ação cotidiana. Não há o que dizer pessoalmente, individualmente, que seja relevante para a compreensão do processo no sentido de fazê-lo funcionar.

enfim, acho que escrevi muito, mas quando vejo essa sede cheia de energia jovem na procura de destrinchar uma que é tão legal, que nos conquista, por suas posturas novas, seu jeito novo de pensar e fazer, sinto que tal energia deveria se voltar e destrinchar o que achamos feio, sem sentido, que nos oprime, destrinchar a especulação financeira, mostrar como ela é desumana, mostrar as consequencias para que diante do espelho possamos parar e pensar que essas roupas já não nos servem mais....

abraço

éveri

Olá, Éveri,

Já faz um tempo que enviei um e-mail para todo o pessoal do CMI, o qual foi respondido apenas por duas pessoas, uma das quais é vc..

Só para lembrar, faço parte de um grupo de pesquisa cujo objeto é o próprio funcionamento do CMI, análise de seus conteúdos e de sua forma, basicamente..

Seu e-mail de resposta segue abaixo, caso não lembre muito bem do pedido..

Como você me respondeu, há bastante material disponível no *website*, documentos, textos e esclarecimentos sobre política editorial, etc.. É bem verdade que grande parte - diria até a maioria - do nosso trabalho poderá,

sim, ser feito apenas com base na análise do conteúdo disponível. No entanto, essa descrição já foi feita por nossa professora orientadora por ocasião de sua defesa de doutorado. A pesquisa atual, da qual faço parte, pretende incrementar um pouco mais essa análise. Nosso foco, a partir de agora, amplia-se um pouco. Nessa ampliação, pretendemos entrar em contato justamente com as pessoas que alimentam o *website* para saber, num primeiro momento, quem são elas, qual a formação, se fazem parte de outras iniciativas parecidas, enfim, o porquê de trabalharem em um projeto como o CMI. Em um segundo momento, gostaríamos de contactar as pessoas que fazem a triagem daquilo que entra ou não no *website*. Pelo que sei, as listas de discussão de alguns centros é aberta. No entanto, para o *website* CMI Brasil, existe alguns critérios de seleção de matérias. Um dos focos da nossa pesquisa é, justamente, mapear a ação das pessoas que fazem essa seleção, saber quem elas são, tentar contato com pelo menos um representante de cada centro, etc.

Baseado no preceito de que vocês são um grupo aberto, onde a mídia é retratada de uma maneira diferente das grandes empresas, com maior liberdade e preferência por assuntos que nem sempre chegam a ser veiculados, creio não haver problema em tentar me corresponder com vocês.

Desde já, agradeço sua colaboração e atenção por ter respondido. Fico na espera de uma nova resposta.

Christian Miguel da Silva

> Date: Fri, 21 Sep 2007 07:24:18 -0700> Subject: Re: [Cmi-Brasilia]  
> Pesquisa Acadêmica> From: sirac@riseup.net> To:  
> cmi-brasilia@lists.indymedia.org> CC: christian\_detoni@hotmail.com> >  
> Olá Cristian,> Quero deixar claro que esta mensagem é uma mensagem minha  
> e o que eu> falarei não é em hipótese alguma uma opinião coletiva nem  
> mesmo do> coletivo local do qual faço parte e muito menos da rede  
> brasil.> > Eu enquanto voluntário do cmi, não gostaria de ver as ações  
> de tal projeto> mapeadas por quem quer que seja. Enfim, o que você pode  
> encontrar de> informação sobre o cmi está na internet em arquivos  
> abertos, toda nossa> documentação, princípios, relatos de encontros  
> nacionais, tutorias,> política editorial, textos de base de discussões.  
> Além disso, já existem> alguns trabalhos acadêmicos feitos sobre o cmi.>  
> > Ou seja, acredito que pouca gente que trampa no cmi ira colaborar>  
> pessoalmente com teu trabalho, então sugiro que você meta as caras na  
> net> mesmo, para obter informações sobre o projeto. Tá tudo lá (ou  
> aqui).> > abraço> > éveri> cmi-brasília> > > Caros Colegas,> > Sou  
> estudante do curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta>  
> Grossa (UEPG) e escrevo esse e-mail a vocês para tirar uma dúvida.>  
> Inicialmente, adianto que faço parte de um grupo de pesquisa que  
> pretende> mapear as ações do CMI, primordialmente no que se refere às  
> pautas> veiculadas no *website*, a maneira diferenciada como os assuntos são  
> retratados> por vocês e em cima disso produzir artigos sobre a  
> temática.> > Como a partir de agora mantereí contato com vocês, gostaria  
> de saber qual> é a maneira mais eficiente de obter informações junto às  
> equipes. Se por> e-mail, ou por telefone, por favor, peço para que  
> disponibilizem endereços> eletrônicos alternativos e números de telefone  
> para contato.> > Neste primeiro e-mail, gostaria de saber como funciona  
> a triagem de> notícias para veiculação no *website* CMI Brasil? Vocês dispões  
> de uma equipe> que seleciona os textos, ou como é feito esse esquema?> >  
> Espero contar com a colaboração de vocês.> > Agradeço desde já> >

> Christian Miguel da Silva>